



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

ELIAS ROLDÃO DOS SANTOS NETO

JEAN PAUL SARTRE: A LIBERDADE E A VITIMIZAÇÃO

ANÁPOLIS - GO

2022

ELIAS ROLDÃO DOS SANTOS NETO

JEAN PAUL SARTRE: A LIBERDADE E A VITIMIZAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de especialista em Docência Universitária, sob a orientação do Prof. Me. Gessione Alves da Cunha e Coorientador: Prof. Esp. Luciano Esmeraldo Amorim

ANÁPOLIS - GO

2022

ELIAS ROLDÃO DOS SANTOS NETO

JEAN PAUL SARTRE: A LIBERDADE E A VITIMIZAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de especialista em Docência Universitária, sob a orientação do Prof. Me. Gessione Alves da Cunha e Coorientador: Prof. Esp. Luciano Esmeraldo Amorim

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

Nota: _____ (_____)

BANCA EXAMINADORA

Dedico este trabalho à minha família e amigos e a todos aqueles que, utilizando-se da liberdade, promovem a vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da minha vida, por ter me dado sabedoria para superar os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Aos meus familiares e amigos, especialmente meus pais, por me acompanharem constantemente, principalmente nos momentos mais difíceis.

Aos formadores e colegas do Seminário São José do Crato, em especial aos meus irmãos de turma, por serem manifestações de amor e de comunhão de Deus na minha vida.

Aos professores e examinadores que ao longo do curso me ajudaram a desenvolver as ideias contidas neste trabalho, e pela disponibilidade em avaliá-lo.

Ao Professor Esp. Luciano Esmeraldo Amorim, coorientador desta pesquisa, que me acompanhou em todo desenvolvimento do trabalho, por seu entusiasmo contagiante e acompanhamento paciente e intenso.

Ser livre requer uma fidelidade a si mesmo. Um compromisso com sua própria existência e uma coragem de escolher e construir os seus próprios limites. Os seus próprios contornos. Em última instância, é preciso amor a nossa finitude. A finitude que escolhemos ser.

(MATHEUS JACOB)

RESUMO

A pretensão deste trabalho é analisar o pensamento de Jean Paul Sartre no contexto da liberdade e vitimização. Onde o autor lança uma definição sobre a liberdade humana, partindo da sua essência em vista da sua existência. A partir das suas considerações. Será feito um esforço para mostrar o que a tradição filosófica traçou acerca da liberdade e como Sartre vai romper com essa tradição, uma vez que consideramos tradicionais os modelos éticos antigo-medieval. Dentre as obras de Sartre, duas apresentam-se fundamentais para a abordagem do tema proposto. A primeira delas é a sua obra fundamental *O Ser e o Nada*, de 1943. Nela o autor propõe uma elaboração concreta sobre o sentido do ser e sua relação com o nada. O conjunto do ensaio de ontologia fenomenológica é fundamental, porém assume um caráter especial. A segunda, terceira e quarta parte do ensaio onde surgem as discussões sobre o Ser-Para-Si, Para-Outro e Liberdade. Também serão usados fragmentos da obra *O Existencialismo é Humanismo* (1946), onde o autor apresenta a sua teoria existencialista, sobre a condição de liberdade do homem, e seus fundamentos, entre outras obras. A classificação dessa pesquisa é caracterizada como uma pesquisa bibliográfica de natureza descritiva explicativa.

Palavras-chave: Existencialismo; Liberdade; Angústia.

ABSTRACT

The aim of this work is to analyze Jean Paul Sartre's thought in the context of freedom and victimization. Where the author launches a definition of human freedom, starting from its essence in view of its existence. From your considerations. An effort will be made to show what the philosophical tradition traced about freedom and how Sartre will break with this tradition, since we consider ancient-medieval ethical models traditional. Among Sartre's works, two are fundamental for approaching the proposed theme. The first of these is his fundamental work *O Ser e o Nada*, from 1943. In it, the author proposes a concrete elaboration on the meaning of being and its relationship with nothingness. The set of the phenomenological ontology essay is fundamental, but the second, third and fourth parts of the essay assume a special character, where the discussions about Being-For-Self, For-Other and Freedom arise. Fragments of the work *Existentialism is Humanism* (1946) will also be used, where the author presents his existentialist theory, on the condition of man's freedom, and its foundations, among other works. The classification of this research is characterized as a bibliographic research of an explanatory descriptive nature.

Keywords: Existentialism. Freedom. Anguish

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	
1. VIDA E OBRA JEAN PAUL SARTRE	10
1.1 Contexto Histórico	11
1.2. Visão Antropológica	15
CAPÍTULO II	
2. A LIBERDADE PROMOTORA DA AUTOCONSTRUÇÃO	18
2.1 A Liberdade.....	19
2.2 O Ser-em-si e o Ser-para-si	20
2.3 Liberdade: A Existência Precede a Essência	24
CAPÍTULO III	
3. O PRINCÍPIO DA RESPONSABILIDADE	27
3.1 Homem Está Condenado a Ser Livre	27
3.2 A Angústia e Má-fé	29
4. METODOLOGIA	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

INTRODUÇÃO

Elucida-se neste trabalho a concepção de liberdade na filosofia de Jean-Paul Sartre sem a mínima pretensão de abordá-la em sua completude, mas apenas em lançar algumas provocações necessárias que desconstroem uma visão pessimista do existencialismo proposto pelo referido pensador contemporâneo, alvo de muitos equívocos em um ambiente hostil e demasiado polêmico, bem como identificar na sua substancial envergadura filosófica, elementos sugestivos que fomentem uma nova e contínua discussão sobre o tema.

Com um forte teor de humanismo, Sartre intenta responder na perspectiva antropológica à questão: o que vem a ser o homem, o que lhe confere um status de sujeito autônomo, consciente de si e do potencial para autoconstrução?

Segundo a sua teoria, o homem é condenado à liberdade. A liberdade é uma condição intrínseca ao homem, a qual delinea a sua existência no mundo condicionando-o irrevogavelmente à aceitação. Tudo parte do princípio da escolha, não há princípios absolutos ou universais pré-elaborados que possam determinar a orientação do homem no mundo, mas uma sensibilidade comum que lhe projeta e o obriga a agir na responsabilidade.

Ser livre requer uma fidelidade a si mesmo. Um compromisso com sua própria existência e uma coragem de escolher e construir os seus próprios limites. Os seus próprios contornos. Em última instância, é preciso amar a nossa finitude. A finitude que escolhe ser. (JACOB, 2019, p. 44)

É baseado nessas ideias que o trabalho lançou uma definição sobre a liberdade humana, partindo do pensamento Sartreano, visando encontrar respostas um tanto satisfatórias, sobre: O que é a liberdade? O que induz o homem a assumir liberdade nos seus desdobramentos? Qual a relação que existe entre liberdade e responsabilidade e, quais as implicações no uso da liberdade no âmbito interpessoal?

Assim, diante dessas interrogações, através de uma pesquisa bibliográfica, descritiva, explicativa, foram expostas, especulações, elucubrações e conceitos que Sartre abordou em seus diversos livros, entre eles *O Ser e o Nada* (SARTRE, 1997), *O Existencialismo é um Humanismo* (SARTRE, 2014) entre outros.

CAPITULO I

1- VIDA E OBRA JEAN PAUL SARTRE

O percurso filosófico que fora traçado por Jean-Paul Sartre é embasado em reflexões sobre a existência do homem inserido no mundo, e como esse homem se relaciona com os outros e com o ambiente onde habita. Partindo de uma prerrogativa de que o homem é livre por “natureza”, Sartre constatará que essa liberdade resultará em uma crise de sentido existencial, em uma angústia como relata em sua obra *A Náusea* (1938). Essa angústia é gerada do homem em si que resulta da liberdade de escolha que o mesmo tem sempre diante de si.

A sua filosofia é intrinsecamente relacionada com o contexto histórico no qual está inserido, sendo que o mesmo atravessou as duas grandes guerras mundiais e enfrentou o movimento de invasão nazista na França, fatos estes que irão instigá-lo a refletir sobre o sentido da existência humana.

Inserido em um movimento filosófico que recebera o nome de existencialismo¹, sua filosofia será permeada pelo rompimento com o pensamento antigo-medieval clássico – aristotelismo e cristianismo, por exemplo –, e pela influência de outros grandes filósofos que trabalharam na sua mesma linha de pensamento.

O objetivo deste capítulo será aduzir o contexto histórico-filosófico onde o autor está imerso, situando-o dentro da corrente do existencialismo ateu. Em seguida, serão apresentadas as investigações da sua visão sobre a existência da natureza do homem, desenvolvidas especialmente nas suas duas grandes e importantes obras que serão de grande importância neste trabalho: *O Existencialismo é Humanismo* (1946) e *o Ser e o Nada* (1943).

1.1 Contexto Histórico

Esse mergulho nos dados biográficos de Sartre, que serão revelados neste capítulo,

¹ O rótulo ‘existencialismo’ substituiu rapidamente, na França e na Itália, o que na Alemanha era chamado mais academicamente *Existenzphilosophie*. Numa carta a J. Wahl, K. Jaspers escrevia: ‘O existencialismo é a morte da filosofia da existência’. Estava entendido, desde o início, que as concepções e descrições da existência não podiam de modo algum ser reunidas sob esse único emblema. A denominação é incapaz de designar algo de preciso no campo da ontologia, da teoria do conhecimento, do pensamento moral ou político, da filosofia da arte, da cultura ou da religião. É verdade que J.P. Sartre, mais que outros, afirmou no título de uma conferência feita em outubro de 1945: *O existencialismo é um humanismo*. Para ele e para S. de Beauvoir (...), era importante opor à natureza segundo a ‘sabedoria das nações’ o homem, que é sempre liberdade, e refutar os que viam no existencialismo apenas pessimismo, ignomínia e desconhecimento das ‘belezas alegres’, do lado luminoso da natureza humana. (COLETTE, 2013, p.7, grifo do autor).

servirá de guia para entender por que Sartre sentiu a necessidade de falar de liberdade em seus textos filosóficos.

Jean-Paul Sartre foi filósofo, escritor, crítico francês contemporâneo, autor de dezenas de livros, considerado um dos maiores pensadores do século XX e representante da filosofia existencialista.

Nascido no dia 21 de junho de 1905, em Paris, Jean-Paul Sartre era filho de Anne-Marie Schweitzer e Jean-Baptiste Sartre. Seu pai morreu quando ele tinha dois anos de idade, fato este que o levou a morar com o avô materno, Charles Schweitzer. Talvez a ausência da presença paterna em sua vida ajudou-o a refletir sobre a liberdade do seu ser (MACIEL 1986, p. 21) e, simultaneamente, conviver com as exigências intelectuais que o avô lhe propunha.

Uma marca decisiva na vida de Sartre foi a influência do seu avô no campo intelectual, enquanto o mesmo desde a mais tenra puerícia suscitava leituras densas para aquele que mais tarde tornar-se-ia um renomado filósofo.

“...por ter descoberto o mundo através da linguagem, tomei durante muito tempo a linguagem pelo mundo. Existir era possuir uma marca registrada, alguma porta nas tábuas infinitas do Verbo; escrever era gravar nela seres novos – foi a minha mais tenaz ilusão –, colher as coisas vivas nas armadilhas das frases...” (SARTRE, 1987, p.7).

Quando completou dezenove anos de idade em 1924, Sartre iniciou o curso de filosofia da Escola Normal Superior, onde não tivera o título de bom êxito estudantil. Isso não se devia à falta de interesse do mesmo, pois dedicava-se tenazmente às aulas, em especial às do professor Alain² (1868-1951), que discorria sobre os problemas ligados à liberdade do homem. Foi na Escola Normal que Sartre conheceu uma de suas amantes e parceira intelectual mais veementes, Simone de Beauvoir³ (1908-1986), com a qual relacionou-se até o término de sua vida.

Foi durante o período de estudo em Havre que escrevera um romance, *A Lenda da Verdade*, que porventura não foi aprovada por parte dos editores. Dedicou-se arduamente, em 1933, ao estudo da fenomenologia de Edmund Husserl⁴ (1859-1938), às discussões

² Émile-Auguste Chartier, dentre seus vários pseudônimos, Alain, foi um ensaísta, jornalista e filósofo francês.

³ Simone de Beauvoir foi uma intelectual francesa, escritora, filósofa existencialista, feminista, ativista política e teórica social. Ainda que não se classificasse como filósofa, De Beauvoir influenciou significativamente na ala feminina do existencialismo e também na sua teoria feminista.

⁴ “Fundador da fenomenologia, Edmund Husserl inaugura, no começo do século XX, um modo de pensamento radicalmente novo. Tomando como ponto de partida dois campos científicos centrais à época, que são as matemáticas e a psicologia, esta disciplina inédita se apresenta como o estudo descritivo de todos os fenômenos que se oferecem à minha experiência de sujeito. Quer dizer que o retorno à experiência do sujeito e método de descrição são os dois traços que caracterizam, desde o início, o método fenomenológico. Quer dizer ainda que a relação mantida por seu fundador com as filosofias anteriores, especialmente com Descartes, Kant

existencialistas de Karl Jaspers (1883-1969) e Heidegger, e a filosofia de Max Scheller (1874-1928), sendo esse o seu primeiro contato no campo da fenomenologia e do existencialismo. Tendo esses autores anteriormente citados como leituras pioneiras para perscrutar o pensamento de Kierkegaard⁵ (1813- 1855), Sartre galgou para o projeto de elaboração da sua contribuição na corrente existencialista.

Foi na Alemanha que Sartre iniciou a redação do livro *Melancolia*, que por ter esse título rejeitado pela editora Gallimard, foi posteriormente publicado como *A Náusea*, que foi conhecido como um dos textos mais famosos da literatura francesa do século XX. Em 1936, quando regressou para sua terra natal, publicou dois trabalhos que são pedras fundamentais para mais tarde alicerçar *O Ser e o Nada: A Imaginação e A Transcendência do Ego*, ambos de influência explicitamente fenomenológica. A edição de *A Náusea* aconteceu no ano de 1938. No ano seguinte, explicita sua filosofia através do gênero narrativo, quando são publicados uma coletânea de contos, dentre eles *O Muro*, e no mesmo período o ensaio *Esboço de uma Teoria das Emoções*. É de 1940 a publicação de mais um ensaio, *O Imaginário*, que como o citado anteriormente, faz uso do método fenomenológico de Husserl.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, Sartre foi solicitado para atuar como meteorologista na Lorena. Fora preso em junho de 1940, tendo sido confinado no campo de concentração de Trier, na Alemanha. Escapou de lá no ano seguinte, quando no ano de 1941, em Paris, encontrou-se com Simone de Beauvoir. Nessa mesma época, em Paris, Sartre é responsável pela fundação do grupo *Socialismo e Liberdade*, com o intuito de cooperar com a Resistência, executando panfletos clandestinos contra a ocupação alemã e contra os colaboracionistas franceses.

Sua primeira peça de teatro – que recebeu o título de *As Moscas*– foi encenada pela primeira vez em março de 1943, peça esta que trabalhava uma lenda grega. Todos os elementos do enredo exerciam um valor expresso em símbolos: a França ocupada era retratada como o reino de Agamenão; o comando alemão que havia deposto as autoridades da França, era Egisto; os colaboracionistas, Clitemnestra; o medo dos setores mais extensos da população, representado pelo episódio da praga das moscas; uma menção a luta contra os alemães foi expressa no gesto final de Orestes. Tudo isso exprime como Sartre utilizou-se da

e o empirismo inglês, permanece limitada e ambígua, segundo um duplo movimento de repetição e demarcação” (DEPRAZ,2008, p.7).

⁵ Um dos pioneiros da corrente de pensamento existencialista contemporâneo, o dinamarquês Kierkegaard lança as bases para o desenvolvimento dessa corrente. O pensamento kierkegaardiano é essencialmente religioso e, por isso, situa-se como pensador do existencialismo cristão. Segundo Reale e Antiseri (2005, p.223), sua filosofia existencial é uma verdadeira e própria teologia experimental, ou seja, uma autobiografia teológica que tem seu desdobramento em uma imponente literatura: *Aut-Aut* (1843).

literatura para inserir seu pensamento filosófico, e também de que maneira usou desse pensamento para um engajamento da existência.

No ano de 1943, Sartre publicou um hermético ensaio de filosofia intitulado de *O Ser e o Nada*, obra fundamental para a teoria existencialista e para o suporte de desenvolvimento deste presente trabalho. No ano marcado como término da Segunda Guerra Mundial, 1945, vem à tona para publicação uma nova peça de teatro, *Entre Quatro Paredes*, importantíssima para fundamentar o conceito de liberdade expresso nas obras teóricas. No mesmo período redigiu alguns romances, tais como: *A Idade da Razão*, *Sursis*, *Com a Morte na Alma*.

Ao final da Segunda Guerra Mundial o movimento *Socialismo e Liberdade* fora dissolvido por Sartre por motivo de corresponder apenas a uma necessidade da Resistência; ainda Sartre estreou com a revista *Tempos Modernos*, em parceria com o filósofo da corrente existencialista Merleau-Ponty (1908-1961), Raymond Aron (1905-1983) e demais intelectuais da época. O conteúdo central dessa revista era baseado em análises dos problemas vigentes da época, sem qualquer mostra de sectarismo.

Ao perceber as levas de críticas que foram lançadas à sua filosofia contidas em *O Ser e o Nada*, Sartre responde aos leitores com um pronunciamento que almejava à apologia do existencialismo – intitulado de *O Existencialismo é um Humanismo* –, publicação datada de 1946. É também deste mesmo ano a publicação de duas novas peças teatrais: *Mortos sem Sepultura* e *A Prostituta Respeitosa*; e ainda o ensaio em que talha a defesa da tese da emancipação dos judeus, *Reflexões Sobre a Questão Judaica*, onde afirma que só haverá movimento emancipatório mediante a supressão das classes sociais.

Outra peça teatral no ano de 1948: *As Mãos Sujas*, e após três anos desta, publica mais uma: *O Diabo e o Bom Deus*. Nesse tempo, há no campo político uma marca de afinidade de Sartre com o Partido Comunista, ao qual no tardar de 1952 será Sartre um de seus mais novos membros. São nesses idos históricos que a Hungria sofre uma interferência soviética, por volta de 1956, ocasionando a rompedora de Sartre com o Partido Comunista. Para celebrar tal feito, há a publicação do artigo *O Fantasma de Stalin*, no qual está contido uma explicação sartreana sobre sua posição, em decorrência da transgressão de espírito marxista por parte de autoridades soviéticas.

Sartre continuou sendo um homem que conjugava o que pensava com o modo de agir. É claramente perceptível, em sua vida, o desejo de práxis com aquilo que expôs em toda sua bibliografia. Um vasto trabalho é ainda publicado no ano de 1960, que é *A Crítica da Razão Dialética*, obra precedida da publicação do ensaio *Questão de Método*, ambas

permeadas de reflexões que tentaram a unificação do existencialismo com o marxismo. Ainda não há uma estagnação das suas veias literárias, pois nesse mesmo ano é lançado no campo da dramaturgia a peça *Sequestrados de Altona*, onde exporá o problema do colonialismo francês na Argélia, mesmo a ação tendo sido ocorrida em solo da Alemanha nazista. É evidente que o interesse de trabalhar o problema da Argélia é, em Sartre, uma vinculação com os problemas mais generalizados do Terceiro Mundo.

No ano de 1961 o filósofo francês visitou o solo Cubano onde ao depara-se com o movimento armado de Fidel Castro, encontrou uma “encarnação viva de suas próprias ideias sobre a importância da liberdade, do projeto e da práxis individual para a ação revolucionária”. (CARLOS, 1986, p. 181). No mesmo ano visitou o Brasil onde teve uma grande repercussão com suas conferências, que abrandam a voz que seu pensamento exerce sobre os revolucionários.

Com essas duas viagens ele avançou na sua carreira, como também, percebeu no embate do Vietnã uma expansão “do campo do possível por parte dos revolucionários vietcongs”. (PESSANHA, 1987, p. 9). Os leitores de Sartre recebem com larga admiração o livro *As Palavras*, onde estão inseridas suas análises do significado existencial e psicológico do período da sua infância. Nesse mesmo ano, 1964, a Academia Sueca de Letras atribuiu-lhe o Prêmio Nobel de Literatura, sendo que argumentou não almejar o reconhecimento como literato ser superior ao de filósofo; assim, pois, recusa o prêmio.

Quem cogitava que o encerramento da carreira literária de Sartre obtivera finitude com o lançamento de *As Palavras*, averiguou a constatação negativa, visto que em 1971 publicou-se a primeira parte de um largo trabalho sobre a vida do escritor francês realista Gustave Flaubert, *L'Idiot de Famille (O Idiota da Família)*.

Sua preocupação maior estava ancorada no drama existencial dos seres humanos frente a um mundo repleto de necessidades. Por isso destacou em sua filosofia a justaposição entre liberdade e responsabilidade, pressupondo um entendimento da própria existência humana. Sartre foi um defensor incondicional da liberdade. Em suas obras deixa explícito que o ser humano é um ser condenado a liberdade, esse foi o ponto fundamental da sua teoria do existencialismo.

Sartre morreu em 15 de abril de 1980, decorrente de várias doenças contraídas durante o curso natural de sua vida.

1.2 Visão Antropológica

Sartre em sua obra *O Existencialismo é Humanismo* (SARTRE, 2014, p. 35), salienta como uns dos pontos fundamentais, a inexistência de uma natureza humana, isso para tentar responder à pergunta. Quem é o homem? Para ele não há uma resposta universal ou algo definido. Ele afirma que, existe uma característica comum em todos, mesmo que, sendo impossível encontrar uma essência universal, nesses termos, uma natureza humana, mas que existe em si uma universalidade de condição humana.

Assim significa dizer que todos os homens estão inseridos no mesmo mundo, porém isso não implica necessariamente numa relação de igualdade entre os mesmos. Ele esclarece que as situações históricas variam: o homem pode nascer escravo em uma sociedade pagã ou senhor feudal ou proletário. O que não varia é a necessidade, para ele, de estar no mundo, trabalhar, conviver com outras pessoas e ser, no mundo, um mortal” (SARTRE, 2014, p. 35).

Em sua obra, *O Ser e o Nada*, Sartre defenderá que a consciência humana está intrinsecamente emaranhada com algo que lhe é propriamente exterior. O homem adquire centralidade em sua obra, visto que é esse “homem” que será capaz de produzir modificações nas coisas, pensamento este, sustentado pelo jargão existencialista de que a existência precede a essência.

Somente se assim for, é que o homem será livre por “natureza”. Distintivamente dos outros seres – os que agem por predeterminação – o homem é essencialmente livre, ou seja, ele nada mais é do que aquilo que projeta fazer de si mesmo. Ele é um não-ser (ser-para-si), que não é, porém projeta-se para ser. Diferentemente desse não-ser, existe o ser que é (ser-em-si), que se distingue do para-si (consciência), que é. Vejamos como explica um de seus comentadores:

A consciência, de acordo com Sartre, é fundamentalmente e ontologicamente um não-ser em relação ao ser; uma negação do ser. (...)O discurso de Sartre a respeito do não-ser é assim: o ser-em-si, ao contrário do não-ser, é o que é e não o que não é. Todavia, o que não é (não-ser) é. Não no sentido de ser – isso faria o não-ser indistinguível do ser-em-si -, mas no sentido de ter que ser. Ao contrário do ser-em-si, que simplesmente é, sem ter que atingir seu ser, o não ser tem que distinguir, por si mesmo, seu ser como não-ser do ser-em-si, perpetuamente negando o ser-em-si, apesar de normalmente abreviar como para-si. (COX, 2006, p. 23).

Dessa forma, o homem como ser livre por si mesmo possui total autonomia e responsabilidade à vista de suas condutas, arcando com todas as consequências que estão associadas com as suas escolhas. Portanto, a sociedade é recheada de limitações e de regras que “impedem” a prática da “liberdade existencialista”, sendo que nos é proposto o dever da submissão perante elas, ocasionando, assim, um conflito social com o meio onde o homem faz inserção. Assim sendo, o homem tem a liberdade para escolher, porém é um ser limitado

diante do meio social onde vive.

Todo o arcabouço de ideias apresentadas por Sartre nessa obra é de cunho “revolucionário”, pois não nos deixa seguros do que realmente somos – isso devido ao conformismo da vivência humana com a fragmentação das ações –, ao ponto de ser altamente insatisfatória a projeção de uma identidade autônoma e de caráter definido.

É a partir da universalidade da condição humana que encontramos no homem a necessidade de ser livre, visto que, para Sartre, o homem é a sua própria liberdade, ou seja, onde há homem, há também liberdade. Essa liberdade é vista como definição ontológica; é ela que define o ser da realidade da existência humana e é ao discorrer sobre essa liberdade que Sartre afirma: “a existência precede a essência” (SARTRE, 2014, p. 19).

Para o pensamento sartreano, Deus não existe. O homem é um ser que existe antes de ser propriamente definido, ou seja, ele primeiramente existe na sua radical espontaneidade, se descobre e só depois se define conceitualmente.

O existencialismo ateu que eu represento é mais coerente. Ele declara que, mesmo que Deus não exista, há ao menos um ser cuja existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por algum conceito, e que tal ser é o homem ou como diz Heidegger, a realidade humana (SARTRE, 2014, p. 19).

Na compreensão de Sartre, o homem é um tipo diferente de ser, pois pensa sobre a própria consciência e sobre o mundo em que vive. (BORNHEIM, 1989. p.195). Ele é definido por sua autoconsciência. Posto que Deus não exista, não haveria uma natureza humana, não há um autor que tenha consentido um destino *a priori* para sua existência, o homem é aquilo que ele mesmo faz de si, é o que Sartre chama de subjetividade. Assim, o que resta ao homem é sua liberdade. “O homem é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da existência, como se quer a partir desse elã de existir, o homem nada é além do que ele se faz” (SARTRE, 2014, p. 19).

De acordo com Sartre o homem vive de escolhas e é a partir destas, que ele manifesta sua presença no mundo. “O homem é o único legislador de sua vida, e a única lei de sua existência diz apenas: “escolhe-te a ti mesmo”. Ou então como prefere Jules Lequier (1814-1862): «fazer e, ao fazer, fazer-se»” (PERDIGÃO. 1995. p. 90).

Em primeiro lugar o homem existe e assim contatando essa precedência no seu processo vital, vai gradativamente forjando a sua essência. Essa autoconstrução se dá por meio da capacidade de escolha, a qual é proveniente da sua liberdade. É por intermédio desta, que ele determina suas prioridades, bem como o que deseja ser, constituindo um desafio de auto projeção no mundo. Desse modo, constrói e realiza a sua essência.

O homem não pode se esquivar da escolha, pois é a escolha que dá a ele a capacidade de criar seus valores, seus objetivos, sua visão de mundo, embora consciente da responsabilidade diante das consequências de seus atos. Evidentemente, deve levar em consideração as leis ou modelos já experimentados pelos que lhe precedem ao longo da história.

Do contrário, se no homem, a essência antecedesse a existência, ele teria uma vida predestinada, portanto não teria a possibilidade de ser livre. O homem, é um ser definido por seus atos, construtor do seu próprio destino, onde tudo parte da sua escolha; é o seu próprio existir.

Segundo Sartre a liberdade é uma condição inseparável do homem, a qual ele não pode se esquivar, ou seja, o homem é condenado a ser livre: “Condenado, pois ele não se criou a si mesmo, e por outro lado, contudo, é livre, já que, uma vez lançado ao mundo, é o responsável por tudo que faz” (SARTRE, 2014, p. 24); ao mesmo tempo é obrigado a exercer suas predileções, ele é obrigado a projetar a sua essência, por não haver valores morais e nem um plano sobrenatural a quem se deva o seu destino. Resta ao homem a responsabilidade de si, mediante a sua ação livre.

Portanto, a liberdade do homem é vista como uma escolha incondicional, é uma realidade inevitável e inerente ao homem como constitutivo de sua identidade e de sua inserção no mundo.

É a partir desse pensamento de liberdade e responsabilidade que Sartre explica as relações da consciência do homem ao utilizar o método da fenomenologia, para definir a questão do Ser.

CAPITULO II

2 A LIBERDADE PROMOTORA DA AUTOCONSTRUÇÃO

No capítulo antecedente, fizemos uma sucinta apresentação acerca da filosofia de Sartre e uma exploração detalhada a respeito da existência da natureza humana, tendo em vista a sua teoria existencialista. Expusemos uma amostra dos conceitos apresentados e defendidos pelo autor, sobre a ontologia fundamental do homem, abordando a existência da liberdade e a necessidade que ele tem de ser livre. Falamos sobre as experiências existenciais, a construção do ser, finalizando com definição do homem como um ser livre.

Todo esse conjunto de prestadios conceitos sartreanos aproximar-nos-ão do entendimento da liberdade do homem, que nos servirá de um meio para explorarmos a sua relação com a liberdade e responsabilidade humana. Todavia, o objetivo crucial de nossa pesquisa é a exposição de como a concepção de liberdade e responsabilidade, segundo Sartre, influencia na existência do homem, na formação de sua essência.

Fecharemos – nos dois últimos tópicos deste capítulo – o parêntesis que fora preciso abrir no capítulo anterior, para a já citada exposição do pensamento sartreano, visto que necessitaremos fazer agora uma explanação na teoria existencialista do pensamento sartreano, desvelando sua concepção de liberdade.

Iniciaremos o capítulo com uma abordagem sobre a definição do que é liberdade. Será apresentado conceito de liberdade partindo do senso comum, a visão filosófica e a visão cristã. Como também a definição que Sartre apresenta sobre o que é a liberdade na visão existencialista.

Em *O Ser e o Nada* – obra referencial na qual tratar-se-á acerca da liberdade humana, – Sartre, através do conceito de ser-para-si, nos coloca em contato com sua teoria da liberdade, onde o para-si será definido como ação (e esta ação será condição da liberdade do ser). A existência humana é sustentada por um pilar de livre escolha que cada ser humano escolhe fazer de si mesmo, moldando assim sua maneira de ser no mundo. Assim sendo, não existe sentido em as pessoas manifestarem o atributo de suas transgressões àquilo que lhe são externos, como a carga genética de geração a geração ou o determinismo do meio onde estão imersas.

O sentido existencial do ser humano está indefinido antes e após a sua existência, concedendo a total responsabilidade da condição humana naquilo que o homem vive.

Ademais, o valor da vida é atribuído ao sentido que cada homem deposita diante das escolhas que executa para si mesmo. Sintetizando o que expomos anteriormente, o existencialismo sartreano é uma das mais acentuadas formas de promover o humanismo, onde se suprimirá a necessidade divina, e colocar-se-á no centro da fabricação de todos os valores a figura humana.

2.1 A Liberdade

Liberdade é um dos temas mais tratados na área da filosofia, esse tema que permeou o ser ao longo de toda história da filosofia, partido de Sócrates na sua filosofia antiga até os dias atuais, onde vem contribuindo para o entendimento da construção da identidade do Ser (homem). No latim a palavra deriva do adjetivo *liber* (liberto) “Livre nascido livre, que é de condição livre; que é de homem livre” (SARAIVA, 1927. p. 675). Assim, o conceito de liberdade, em latim (*libertas*), é uma condição da pessoa livre (SARAIVA, 1927 p. 667).

Segundo o senso comum esse termo significa a livre escolha de como agirmos ou omitimos, ou seja, é a ausência de obstruções ou barreiras, é um agir sem que nada interfira, nas escolhas e ações do próprio homem, “nesse caso, seria a condição que usufruímos quando nada nos prime ou impõe resistência aos nossos projetos”. (PERDIGÃO, 1995. p. 88).

Para a filosofia, a liberdade é definida como a independência do ser humano, a capacidade de ter autodeterminação, autonomia e espontaneidade. No moderno Dicionário de Filosofia encontramos três definições de acordo com três concepções que se desenvolveu ao longo da história, de como esse termo é interpretado filosoficamente:

“1ª. L. como autodeterminação ou autocausalidade, segundo L. é ausência de condições e de limites; 2ª L. liberdade como necessidade, que baseia no mesmo conceito da precedente, a autodeterminação, mas atribuindo-a à totalidade a que o homem pertence (Mundo, Substância, Estado); 3ª. L. como possibilidade ou escolha, segundo a qual L. é limitada e condicionada, isto é, *finita*”. (ABBAGNANO, 2007, p. 669).

Partindo da tradição cristã, a liberdade está intrinsecamente ligada ao livre-arbítrio, sendo que, o livre-arbítrio é a possibilidade de escolher entre o bem e o mal, e a liberdade é caracterizada como o bom uso do livre-arbítrio, segundo o que diz o filósofo Agostinho em sua obra *O livre Arbítrio* (388-395).

No âmbito do direito, a liberdade é entendida como conjunto de ideias liberais e direito do cidadão, sendo classificada em liberdade de pensamento; liberdade de opinião; liberdade de expressão; liberdade religiosa; liberdade de imprensa; liberdade de ir e vir e

liberdade condicional, entre outros. A liberdade consiste na capacidade de agir por si próprio, é ser autônomo, dar a si mesmo as regras a serem seguidas. O homem é livre a partir do momento em que suas ações não são interferidas ou influenciadas por outros.

Para a filosofia sartreana, diferente do senso comum, a liberdade é uma condição ontológica do homem, segundo a teoria, a liberdade não assume o papel de realizar ações sem que haja interferências externas. Essa concepção Sartre considera como uma liberdade de sonho, onde a liberdade não pode existir no real (PERDIGÃO, 1995. p. 88). Para Sartre a liberdade não é uma coisa e nem objeto, ela é constituída da existência do homem, o homem é antes de tudo livre, ele é livre antes de definir-se como algo, é um ser livre para definir-se, para esgotar-se de si.

Na visão existencialista de Sartre, a liberdade está associada a nossas escolhas, ou seja, toda pessoa é livre, pois ela está a todo momento realizando escolhas, para ele não há como não ser livre, não escolher. A única coisa que o homem não pode escolher é deixar de se ser livre. A liberdade é a possibilidade do ser, enquanto consciência, realiza suas ações, sem que ele seja impedido por outras naturezas humanas. Essa consciência Sartre chamou de Para-Si,

2.2 O Ser-em-si e o Ser-para-si

Em *O Ser e o Nada* – obra referencial na qual tratar-se-á acerca da liberdade humana – Sartre, através do conceito de ser-para-si, nos coloca em contato com sua teoria da liberdade, onde o para-si será definido como ação (e esta ação será condição da liberdade do ser). Em sua obra Sartre descreve dois modos fundamentais de ser, o em-si e para-si.

O termo em-si apresentado por ele, abrange tudo aquilo que existe, com exceção a consciência humana, que é apresentada de para-si. O em-si, contém uma identidade definida, como por exemplo, objetos, coisas, até mesmo o ser humano, tudo resulta do em-si. Já o para-si, é tido como a própria consciência, não há uma identidade definida, mais é o que nos compõem como seres humanos, portanto, tudo que provém de uma representação não objetiva denominada pela consciência faz parte do para-si.

Cabe-nos compor uma abordagem sobre os dois conceitos chaves para entendermos o pensamento de Sartre acerca da liberdade: o ser-em-si e o ser-para-si⁶. A ontologia

⁶ De certa forma, o ser-para-si é meramente um termo técnico útil, que se refere àquilo que é comum a qualquer consciência, sem sugerir, portanto, que existe algo além de uma série de determinadas consciências. (COX, 2011, p. 25).

fenomenológica suplantará essa dualidade no momento em que descreverá o ser como aquilo que se expressa no imediato, ou seja, não possuindo a intenção de tratar acerca da experiência humana por recorrência a uma realidade extra fenomenal. O dualismo de *ser e parecer* na óptica que Sartre concebe que, a existência não é mais possuidora do título de cidadania filosófica.

O ser primeiro que encontramos em nossas investigações ontológicas é, portanto, o ser da aparição. O fenômeno é o que se manifesta, e o ser manifesta-se a todos de algum modo, pois dele podemos falar e dele temos certa compreensão. [...] O ser nos será revelado por algum meio de acesso imediato, o tédio, a náusea, etc., e a ontologia será a descrição do fenômeno de ser tal como se manifesta, quer dizer, sem intermediário.[...] Pareceria não haver dificuldades: Husserl mostrou como é sempre possível uma redução eidética, quer dizer, como sempre podemos ultrapassar o fenômeno concreto até sua essência, e, para Heidegger, a “realidade humana” é ôntico-ontológica, quer dizer, pode sempre ultrapassar o fenômeno até o seu ser. (SARTRE, 1997, p. 18-19).

O ser em-si, sendo somente aquilo que é, está dotado de opacidade em si mesmo. Portanto, “nem é ativo nem passivo, sem qualquer relação fora de si, não derivado de nada, nem de outro ser: o ser-em-si simplesmente é. Daí o caráter absurdo que o ser-em-si carrega como sua determinação fundamental”. (PESSANHA, 1987, p. 10). Por ser proprietário desse caráter absurdo, o homem sentir-se-á, diante do em-si, com um sentimento de mal-estar, que será a porta para a náusea sartreana.

Para Sartre, o ser de um existente seria aquilo que aparenta, não existindo nenhuma realidade extrafenomenal. “O fenômeno pode ser estudado e descrito enquanto tal, pois ele é absolutamente indicativo de si mesmo”. (SARTRE, 1997, p.20). O ser do fenômeno é de responsabilidade da consciência, e esta tem como atributo essencial a intencionalidade, tendo em vista que Sartre bebeu das fontes fenomenológicas husserlianas, ao corroborar que “toda consciência é consciência de alguma coisa”. (DEPRAZ, 2008, p.35). Aqui, a consciência possui diante de si um objeto transcendente, onde implicará a existência de um ser que não seja dotado de consciência.

Toda consciência é consciência de alguma coisa. Esta definição pode ser entendida em dois sentidos bem diferentes: ou a consciência é constitutiva do ser de seu objeto, ou então a consciência, em sua natureza mais profunda, é relação a um ser transcendente. [...] Sem dúvida, pode-se ter consciência de uma ausência. Mas esta ausência aparece necessariamente sobre um fundo de presença. [...]. Assim, se quisermos que o ser do fenômeno dependa da consciência, será preciso que o objeto se distinga da consciência, não pela *presença*, mas por sua *ausência*, não por sua plenitude, mas pelo seu nada. Se o ser pertence à consciência, o objeto não é a consciência, na medida em que é outro ser, mas enquanto é um não-ser. (SARTRE, 1997, p.33, grifo do autor).

O que em Sartre chamaremos de prova ontológica foi o que evidenciamos na citação

acima, em que consciência é consciência de alguma coisa, significando que “a transcendência é estrutura constitutiva da consciência, quer dizer, a consciência nasce tendo por objeto um ser que ela não é. (SARTRE, 1997, p. 34).

O não-ser sartreano é “fundamentalmente e ontologicamente um não-ser em relação ao ser; uma negação do ser. [...] É o ser primeiramente apresentado e depois negado. Não é o não-ser do ser-em-si, é o não-ser do ser. (COX, 2011, p.22-23). O em-si se dá sofrendo um processo de dar-se absolutamente, entretanto é relativo ao para-si.

Tudo repousa no para-si e, no entanto, não sendo o que ele é, ele é passivo em relação ao em-si. Como liberdade, a nadificação só pode se produzir na facticidade, isto é, no cerne do em-si. Contentemo-nos por ora em mostrar o núcleo da aporia de onde surgem as antíteses ou as alternativas que levam alguns observadores a verem em Sartre um “antifilósofo ou, se quiserem, o filósofo de uma geração inimiga da filosofia. Ele junta-se ao campo em que Pascal e Kierkegaard desprezam a sabedoria e zombam da razão”. (COLETTE, 2013, p.24).

Todas as pessoas, ontologicamente, são um para-si em relação ao em-si, estabelecendo a primazia da liberdade humana em relação aos objetos, em razão de não haver essência alguma além daquele que o para-si escolher eternamente modelar. (COX, 2012) “Para Sartre, o fundamental é a consciência. Mas a consciência não pode existir no vácuo, deve-se ser consciente de algo” (STRATHERN, 1999, p.50).

Na visão sartreana existe uma imbricação interna entre o que é regido por liberdade e aquilo que é transcendido pela liberdade, deixando de ser livre. Esse jogo de relação interna dar-se-á entre o passado e o futuro. É na perspectiva de Sartre sobre a temporalidade que é apresentada sua visão do para-si como possuidor de essência temporal, tornando plausível sua percepção do para-si como sendo, por necessidade, livre. Argumentará que:

A realidade humana é uma superação perpétua em relação à coincidência com o si, que nunca é considerada. Ao contrário do ser-em-si, o para-si nunca é idêntico ao si, sempre além do si em direção ao futuro. Ele não existe como uma imanência presente, mas sim como uma que é seu próprio futuro. (COX, 2012, p.88-89).

O para-si é representante do que o ser poderá tornar-se, as possibilidades que o ser não é capaz de captar por si próprio - mas que carece ser captado por si mesmo -, tendo em vista sua negação. Assim, “não existe passado, exceto para aquele que é um ser em direção ao futuro, exceto como uma superação. O futuro e o passado estão internamente relacionados, eles requerem, necessariamente, um ao outro”. (COX, 2012, p.89). O passado não existe, desde que estabeleça ligação com o presente, pois que o passado para Sartre é característica do ser-em-si.

O passado, pensa Sartre, é a marca do em-si. Enquanto o homem é consciente de si mesmo, no presente, ele vive segundo o modo do para-si; contudo, o seu passado tem todas as características do em-si. Da mesma forma como o corpo humano das sereias termina em cauda de peixe, a existência humana constitui-se, sobretudo, pela espontaneidade da consciência, mas encontra atrás de si um ser que tem toda a fixidez de uma coisa qualquer no mundo. (PESSANHA, 1987, p. 9-10).

Como falamos anteriormente, existem dois tipos de ser: o ser-em-si, de caráter fenomênico, exprimindo tudo o que é existente, e o ser-para-si, que Sartre chamou-o de consciência. Percebe-se que a liberdade é condição inerente à ação de escolher, o que permitirá ao homem construir-se. Logo, é a liberdade que delibera ao para-si edificar seu devir próprio. Então, “a procura pelo sentido das coisas e da vida se efetiva em nosso âmago porque somos um ser-para-si, ser que questiona, que indaga, que se impressiona com a realidade e com nossa subjetividade”. (SILVA, 2013, p.100). Dessa forma, o homem fabrica-se na gênese do para-si, porque se o mesmo não fosse imbuído de liberdade, conservar-se-ia enclausurado no *Ser*.

Visto que o homem é livre, sendo que ele não pode fugir da liberdade, então podemos definir, que é através do para-si que o homem estabelece relações com o em-si, em vista da sua consciência. Nestes termos, identificamos que o em-si é contido no para-si.

Trazendo para o campo da liberdade, notamos que ela parte da consciência do para-si, e que está contida no próprio ser do homem, no em-si. Ou seja, o para-si é tido como o nada que interpassa o ser, algo que se constrói.

É baseado nessa análise de liberdade que compreendemos a capacidade que o homem tem de questionar a respeito das coisas e, partindo dessas suas indagações, gera em si as escolhas que revelam a sua liberdade. Portanto, é perante a liberdade que ele se constrói. E essa liberdade é tomada como, condição necessária para as escolhas que o mesmo terá que realizar.

A existência humana é sustentada por um pilar de livre escolha que cada ser humano escolhe fazer de si mesmo, moldando assim sua maneira de ser no mundo. Assim sendo, não existe sentido em as pessoas manifestarem o atributo de suas transgressões àquilo que lhe são externos, como a carga genética de geração a geração ou o determinismo do meio onde estão imersas.

O sentido existencial do ser humano está indefinido antes e após a sua existência, concedendo a total responsabilidade da condição humana naquilo que o homem vive. Ademais, o valor da vida é atribuído ao sentido que cada homem deposita diante das escolhas que executa para si mesmo. Sintetizando o que expomos anteriormente, o existencialismo

sartreano é uma das mais acentuadas formas de promover o humanismo, onde se suprimirá a necessidade divina, e colocar-se-á no centro da fabricação de todos os valores da figura humana.

2.3 Liberdade: A Existência Precede a Essência

A filosofia existencialista de Sartre é marcada por uma linguagem que expressa claramente o seu objetivo, ao tratar a respeito da construção do homem ela aponta que: “a existência precede a essência” (SARTRE, 2014, p. 19), em primeiro juízo o homem existe antes de tudo, é ao perceber-se no mundo que ele vive e no seu percurso ele molda sua essência.

“O Existencialismo de Sartre tem suas raízes tanto no empirismo de Hume quanto no racionalismo de Descartes. Levados ao extremo, um e outro tendem para um solitário solipsismo”⁷ (STRATHERN,1999, p. 40). O que Hume e Descartes apresenta é o seguinte argumento: Para Hume, “nós não experimentamos de fato a existência individual dos outros. Descartes: se tudo é incerto, exceto que “penso, logo existo”, então a existência dos outros deve também incluir-se nessa categoria.” (STRATHERN,1999, p. 40).

Percebe-se que para o existencialismo a liberdade não é um objeto que o homem tenha, mais a liberdade é tida como o próprio ser do homem. Como visto anteriormente, a liberdade parte do “para-si”, sendo assim, nada pode determinar o seu Ser, pois o “para-si” apenas existe e seu existir não é definido antemão por uma essência pré-existente (PERDIGÃO, 1995. p. 90).

Para uma melhor compreensão Sartre (2014) apresenta um exemplo de uma tesoura, que ao ser criada, tendo ela um criador, já possui em si uma finalidade projetada. Seu criador a usar da sua inteligência elaborou-a com a finalidade de cortar o papel. No entanto houve um planejamento desde a probabilidade estrutural das suas lâminas, antes da sua fabricação. O nascimento da tesoura parte de uma ideia gerada antes da sua existência no âmbito material. Em relação a tesoura dizemos que a essência precede a existência, visto que, houve um planejamento para ser construída, e só após esse planejamento ela foi construída e passou a existir.

Olhando para visão religiosa, seria Deus o criador que produz o homem conforme seu designo, dando a ele um destino pronto a ser seguido, sendo então um ser predefinido.

⁷ Concepção filosófica segundo a qual a única realidade no mundo é o eu, eliminando, assim, a existência do outro.

Como o exemplo do artesão dado por Sartre, que fabrica uma cadeira, onde ela já surge no mundo com uma finalidade. Esse conceito contradiz o argumento sartreano, pois nestes termos “não haveria liberdade possível, porque o homem estaria de uma vez para sempre e *a priori* dotado de um sentido, antes mesmo de viver a sua vida.” (PERDIGÃO, 1995. p. 90).

Sartre ao declarar que a existência precede a essência, quebra alguns paradigmas éticos, como também o paradigma cristão. Para ele o homem é um ser que faz a si mesmo a partir da sua existência, é a partir da sua existência que ele deve escolher o seu ser, sendo então lançado no mundo, onde construirá pouco a pouco a sua essência.

Cabe ao homem, pois, forjar a sua essência. De que modo? Não há valores inscritos no mundo que possam lhe servir de base, nem sequer a mais ínfima essência originária em si mesmo que o ajude a determinar suas decisões. Sem ter em que se apoiar, nem fora nem dentro de si, o homem fica obrigado a suportar o peso da sua liberdade, solitário e sem ter em que se agarrar, sem nenhuma lei universal que o force a agir e pensar dessa ou daquela maneira. Nada pode “salvá-lo” de si próprio. Resta-lhe ser o único responsável por sua vida, definindo-a tal como a si próprio vier gradativamente a decidir se fazer, à exemplo de um jogador que inventa as regras de seu jogo. (PERDIGÃO, 1995. p. 90).

Para Sartre existir é ser livre, a essência é formada pelas nossas escolhas e desejos, e a liberdade é essa escolha, seja ela qual for, da mais perfeita a mais absurda, tudo proveniente da sua consciência. De início o homem nada é, é a partir de seus atos que irá forjar-se, ele é um ser que escolhe sua essência. Sem dúvida o homem é um ser livre, mesmo que esteja em condição de cárcere, ele é livre por almejar sua liberdade.

Assim, não diremos que um prisioneiro é sempre livre para sair da prisão, o que seria absurdo, nem tampouco que é sempre livre para desejar sua libertação, o que seria um truismo irrelevante, mas sim que é sempre livre para tentar escapar [...] Nossa descrição da liberdade, por não distinguir o escolher do fazer, nos obriga a renunciar de vez à distinção entre intenção e ato. Não é possível separar a intenção do ato, do mesmo modo como não se pode separar o pensamento da linguagem que o exprime. Esta distinção essencial entre liberdade de escolha e liberdade de obter foi percebida certamente por Descartes, depois do estoicismo. Coloca um ponto final em todas as discussões sobre “querer” e “poder” que ainda hoje opõem os defensores aos adversários da liberdade. (SARTRE, 1997, p. 595-596).

Mais se não encontramos no homem um modelo de conduta ou algo que possa ser superior a ele, e que venha antes da sua existência, que possa forjar sua essência, como pode ele fazer para que possa viver de forma correta? Para Sartre o homem é construtor de si, o que implica é a maneira que ele faz suas escolhas, realiza os seus atos, já que ele nada mais é do que a soma de tudo o que escolhe, e que faz durante o seu existir.

Assim, o homem, que de início nada é, irá definir-se pela sucessão de seus atos, pela série de opções que ele faz em face de cada situação concreta. Em nenhum momento da vida de um homem se pode afirmar que ele *é* isso ou aquilo, de uma vez para sempre. Como o homem inventa perpetuamente o seu Ser, sem possuir “caráter” congênito ou uma “essência” imutável, sua definição jamais se completa em vida, e se conserva sempre em aberto até a sua morte. (PERDIGÃO, 1995. p. 91).

Cabe ao homem assumir o papel de realizar a sua liberdade a sua essência, quando ele é posto diante da vida ele efetiva suas escolhas, determina o seu próprio modelo, escolhe a sua humanidade. Essas escolhas acarretam uma finalidade, pois toda escolha possui uma significação, é preciso que haja uma “coerência interna, uma maneira própria de ser de cada pessoa” (PERDIGÃO, 1995. p. 105), essa coerência gera no homem a responsabilidade de si. É necessário que ocorra planejamento de escolhas. Sartre aponta que é preciso um projeto fundamental que parte da consciência do homem, onde dá a ele a coerência de si, pois quando ele assume a sua liberdade ele acarreta a responsabilidade dos seus atos (PERDIGÃO, 1995).

CAPITULO III

3 O PRINCÍPIO DA RESPONSABILIDADE

Amparando-se no conceito de liberdade exposto no capítulo anterior, juntamente com a definição sartreana do ser-em-si e o ser-para-si, e a definição da existência do homem, visto que, a sua existência precede a sua essência, como apresenta o autor, desdobraremos – neste último capítulo – as consequências da condição de liberdade do homem, onde ele assume a responsabilidade, posto pela sua condição de ser livre.

É mister a recordação do que expomos no capítulo inicial: a ideia de que a liberdade é uma condição do homem, sendo que ele não pode se esquivar dela. Foi apresentado anteriormente a concepção da liberdade para Sartre, o que nos restará nesse desfecho do trabalho é apresentarmos o que implica essa condição de liberdade do homem. Expondo o conceito de condenação, angustia e má-fé, frutos da responsabilidade gerada da liberdade humana.

3.1 O Homem Está Condenado a Ser Livre

O homem sartreano está condenado a ser livre, como diz Sartre em sua obra *O Existencialismo é Humanismo* (SARTRE, 2014, p. 24). O fato de ser condenado refere-se à condição dele não ser responsável por sua existência, sua criação; o homem ao ser criado é lançado no mundo, e carrega consigo a reponsabilidade por todos os seus atos e seus comportamentos. Sartre afirma: “o homem sem nenhum tipo de apoio nem auxílio está condenado a inventar a cada instante o homem”. (SARTRE, 2012, p. 25). O homem é o próprio protagonista da sua história e da História.

A condição de liberdade do homem, apresentada por Sartre, revela que, ela não pode ser determinada, pois, no momento em que o homem nasce, ele não tem em si uma essência formada, uma consciência. É neste momento que o homem se torna obrigado a projetar-se, já que ele não pode escolher não ser livre. Vejamos:

A liberdade só encontra no mundo os limites que ela mesma colocou. É ela que estabelece os obstáculos com os quais porventura irá se defrontar. Somente ela opõe limites a si própria. Se limites externos existem, são postos pela liberdade mesma: *a consciência não padece, mas, ao contrário, elege tais limites*. Em outras

palavras: apenas a liberdade pode limitar a liberdade. A única limitação que a liberdade conhece deriva de si mesma.

Assim sendo, o caráter de exercício da liberdade integra-se com a exigência da responsabilidade. O homem é preso a sua liberdade, o fato dele ser livre acarreta em si a responsabilidade diante das decisões a serem tomadas, como também influencia nas relações com os outros.

Partindo da compreensão de Sartre, é pela condição de ser livre, da liberdade, que o homem se torna homem, pois ele é fruto da sua liberdade, é ele quem estabelece sistematicamente as propostas de ações e os fins desejados, bem como o modo de execução das mesmas em linha pragmática. Sendo assim, ser livre não é uma obtenção, mais uma condição da existência humana:

Sou um existente que aprende sua liberdade através de seus atos; mas sou também um existente cuja existência individual e única temporaliza-se como liberdade [...] assim, minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser. (SARTRE, 1997, p. 542/543).

Para Sartre ser livre é flexibilizar a capacidade de discernir alternativas perante a complexidade circunstancial da própria existência no mundo. É fazer escolhas diante de um arcabouço alternativo. Ou seja, de situações que apontam possibilidades de ser para o sujeito. Essas escolhas revelam a responsabilidade da humanidade em escolher alternativas e os critérios que a levaram a escolher tais alternativas.

Deste modo, sempre que o homem realiza uma ação, ele se torna responsável diante das consequências. Para ele, não há uma escolha que não seja proveniente da sua liberdade. O homem é um ser responsável por sua autoconstrução, tudo decorre das suas decisões, onde toda ação realizada irá intervir de um modo direto nos desdobramentos da sua própria existência.

Sartre enfatiza que é livre o homem que pode realizar seus projetos, mais que é preciso agir segundo sua consciência, ele deve distinguir o seu projeto e projetar a sua realização, ou seja, o homem é aquele que constrói e, nessa construção, se constrói. (PERDIGÃO. 1995. p. 90).

Tudo parte de si próprio, de uma consciência, de uma escolha. Estas escolhas que o homem realiza, traz consigo o sentimento de responsabilidade, onde gera uma angústia por perceber a responsabilidade que ele tem de si e do mundo.

3.2 A Angústia e Má-fé

Para Sartre, a angústia é gerada a partir do peso da responsabilidade e da consciência da liberdade humana, e é através dela que o homem toma consciência de suas responsabilidades. Assim ele destaca: “É na angustia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angustia que a liberdade está em seu ser, colocando-se a si mesmo em questão”. (SARTRE, 1997, p. 72).

Sartre utiliza o termo angústia para afirmar o sentido de liberdade e de escolha total existente no homem. A angústia faz com que ele (o homem) seja confrontado e desafiado em todos os momentos da sua vida, criando em si um receio, um medo, onde através da sua liberdade de escolha, o homem venha a tomar decisões equivocadas, afetando de modo irreparável a construção de sua essência, ou seja, de sua vida.

Para Sartre, a escolha é parte fundamental do homem, mas a responsabilidade ligada à sua consciência torna-se um fardo pesado, que o leva a uma sensação de angústia. Ou seja, o homem não pode culpar ou transferir sua responsabilidade para outro indivíduo, cabe somente a ele assumi-la.

Sou responsável por tudo, de fato, exceto por minha responsabilidade mesmo, pois não sou o fundamento do meu ser. Portanto, tudo se passa como se eu estivesse coagido a ser responsável. Sou abandonado no mundo, não no sentido de que permanecesse desamparado e passivo em um universo hostil, tal como a tábua que flutua sobre a água; mas, ao contrário, no sentido de que me deparo subitamente sozinho e sem ajuda, comprometido em um mundo pelo qual sou inteiramente responsável, sem poder, por mais que tente, livrar-me um instante sequer, desta responsabilidade, pois sou responsável até mesmo pelo meu próprio desejo de livrar-me das responsabilidades ... (SARTRE, 1997, p.680).

Com esta análise, compreendemos que o homem só exerce sua liberdade quando age responsabilmente, pois toda escolha realizada traz consigo a responsabilidade, portanto ser livre é assumir com responsabilidade os efeitos das próprias escolhas. Mas, afinal, podemos fugir dessa responsabilidade, dessa angústia? Podemos nos esquivar da condenação à liberdade? Sartre afirma que não, pois o homem estaria enganando a si mesmo conscientemente, negando a sua liberdade, enquadrando-se no que ele chamou de má-fé.

Não se trata, pois, de expulsar a angústia da consciência ou constituir-la em fenômeno psíquico inconsciente; simplesmente, posso ficar de má-fé na apreensão da angústia que sou, e esta má-fé, destinada a preencher o nada que sou na minha relação comigo mesmo, implica precisamente esse nada que ela suprime. (SARTRE, 1997, p. 89).

Sartre conceberá sua ideia de má-fé a partir da negação da concepção do conceito de nada. A concepção de má-fé dar-se-á quando o homem, no seu pleno exercício de consciência, nega sua liberdade, a sua condição de ser livre. É quando ele deixa de acreditar que é o ser responsável por conduzir sua própria vida e passa a atribuir sua existência a algo que lhe é externo.

Agimos de má-fé quando enganamos a nós mesmos, particularmente quando tentamos racionalizar a existência humana impondo-lhe um significado ou coerência. Isso pode ser feito com a aceitação de uma religião ou qualquer conjunto de valores dados. Também inclui qualquer aceitação da ciência na medida em que isso seja uma tentativa de impor um significado geral à vida. Agir de má-fé significa, portanto, esquivar-se à responsabilidade pelos próprios atos, depositando-a em alguma influência externa. (STRATHERN, 1999, p.56).

Sartre acredita que tanto o homem grego, com a concepção cósmica do universo, quanto o homem “cristão”, com a ideia de Deus que atribui essência ao homem, ambos agiram de má-fé. Isso se justifica quando observamos que tanto para os gregos quanto para os cristãos há a presença de algo que lhes determinam, ou seja, o universo cósmico com suas leis determinadas, como também um Deus cristão que dota o homem de vocação e este vive em prol de vivê-la. É assim o movimento de reviravolta do homem almejando tornar-se ser.

Toda realidade humana é uma paixão. Ela tenta perder-se para se tornar ser, ao mesmo tempo se tornando o Em-si que escapa à contingência: a ‘coisa que causa a si mesma’, que as religiões chamam de Deus. Assim, a paixão do homem é o oposto da paixão de Cristo, pois o homem se perde como homem para que Deus possa nascer. Mas a ideia de Deus contradiz a si mesma e nós nos perdemos em vão. O homem é uma paixão inútil. (SARTRE, 2007, p.750).

Para Sartre (2012), quando o ser humano afirma que existem valores que são anteriores ao próprio homem, isso também é uma atitude de má-fé. Ser livre não quer dizer que se pode agir por mera arbitrariedade, ou seja, fazer tudo que se deseja, pois, a liberdade consiste em assumir as consequências dos próprios atos, uma vez que os homens tendem naturalmente a se esquivar ou transferir responsabilidade aos outros. Daí a frase escrita por Sartre na sua peça *Entre Quatro Paredes* (1944), que diz: “O inferno são os outros”. O outro aqui se apresenta como espelho para o homem, ele que determina se a escolha está ancorada na verdade e faz o melhor juízo sobre as ações do homem. E isso faz com que outros estejam sempre convocando-lhe a assumir a própria responsabilidade.

O homem que assume a própria responsabilidade e suas consequências passa a ser independente, mas não deixa de ser condenado, pois é responsável por tudo que faz. Aquele que não assume torna-se escravo, ele buscará sempre colocar no outro a responsabilidade do

seu sofrimento. Portanto, a liberdade consiste na consciência da responsabilidade perante as escolhas.

4 METODOLOGIA

A classificação dessa pesquisa é caracterizada como uma pesquisa bibliográfica de natureza descritiva explicativa. Para tanto foram coletados dados primários, que por sua vez, são aqueles “[...] coletados ou produzidos pelo pesquisador especificamente para resolver o problema de pesquisa” (MALHOTRA, 2006, p. 68). Ou seja, são dados ainda não existentes e que precisam ser coletados. Esse tipo de pesquisa tem como objetivo identificar problemas, ou situações que foram trabalhados para que haja maior entendimento sobre o assunto abordado.

O estudo foi delimitado através da pesquisa bibliográfica. Segundo Lakatos e Marconi (2001),

A pesquisa bibliográfica trata-se do levantamento, seleção e documentação de toda bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado, em livros, revistas, jornais, boletins, monografias, teses, dissertações, material cartográfico, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o mesmo.

Assim, é notável que a pesquisa bibliográfica é importante para a elaboração do trabalho científico.

Segundo Cervo e Bervian (2002),

Qualquer tipo de pesquisa na área do conhecimento, supõe e exige pesquisa bibliográfica previa, quer para o levantamento da situação em questão, quer para a fundamentação teórica ou ainda para justificar os limites e contribuições da própria pesquisa.

Através da pesquisa bibliográfica, surgiram conceitos para elaboração do esboço teórico-conceitual, servindo para elaboração da pesquisa. Foram abordados pontos essenciais para compreender a importância da temática.

Indiscutível que a pesquisa bibliográfica é essencial para o pesquisador, ampliando a ação do trabalho realizado.

A pesquisa foi elaborada através de coleta de dados a partir de: livros, artigos científicos e internet.

Através das publicações feitas pelos autores aperfeiçoou-se os conhecimentos, de forma mais concreta e construtiva, diante do que foi publicado sobre a pesquisa dando mais relevância ao trabalho, com uma interpretação sobre o que foi escrito através do estudo realizado.

Foram abordados os principais pontos discutidos com foco no problema e respondendo às perguntas e dúvida, confirmando a hipótese, qual seja, de que cada homem

dentro da sua capacidade, se constrói através de seus direitos e deveres, da sua responsabilidade. Não adianta para ele tentar encontrar culpados, porque tudo parte das suas ações inclusive a sua liberdade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que a liberdade é um dos temas fundamentais da filosofia existencial de Sartre, condição da existência humana, como ele mesmo afirma: “a existência precede a essência” (SARTRE, 2014, p. 19). Portanto, o homem faz suas próprias escolhas e ao mesmo tempo é construtor de si perante a sua liberdade, sua condição de ser livre.

Verifica-se que, para Sartre, o homem é liberdade e tudo parte das escolhas de sua consciência, dado que, a consciência parte do “para-si” em vista do “em-si”. Assim, a única condição do homem é assumir essa liberdade, a qual não pode se esquivar. Sartre em suas palavras deixa bem claro que o homem é condenado a sua própria liberdade, pelo fato da sua existência, onde toda liberdade de escolha implica em si, uma responsabilidade, que gera no homem uma angústia. Devido ao homem não ser suficientemente preparado para o futuro que ele mesmo constrói de si.

A liberdade em Sartre consiste em responsabilidade, angústia e má-fé, onde cabe a cada homem construir a sua essência, o seu ser, mantendo-se íntegro na solidez de suas escolhas, assumindo a consciência da responsabilidade, não só de si, mais perante o mundo. Portanto, cabe ao homem essa construção, só ele pode transformar sua potência em atos, ser o autor dos seus próprios contornos, sendo suas escolhas individuais, “faça-se finito. Torna-se quem tu és. Depois, faça-se infinito dentro desse próprio ser” (JACOB, 2019, p. 45). Em outras palavras, seja responsável, seja livre.

Assim sendo, a abordagem sobre a concepção da liberdade em Sartre numa envergadura antropológica sugere a precedência da própria existência frente á essência, deslanchando numa reflexão sobre a angústia gerada pelo peso da responsabilidade, destacando a relação que o homem estabelece com a liberdade. Ser livre é ter a capacidade de traçar o seu próprio existir, a partir da consciência do ser. (BORNHEIM, 1989. p.195.) Cada homem dentro da sua capacidade, se constrói através de seus direitos e deveres, da sua responsabilidade. Não adianta para ele tentar encontrar culpados, porque tudo parte das suas ações, da sua liberdade.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 669, 699.

AGOSTINHO, Santo. **Da Grandeza da Alma**. 1.ed. São Paulo: Largebooks, 2011.

ALLOUCHE, Frédéric. **Ser Livre com Sartre**. tradução João Batista Kreuch. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2019.

BORNHEIM, G. **Curso de Filosofia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989. p. 195.

CARLOS, Luiz. **Sartre Vida e Obra**. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986, p. 181.

COLETTE, Jacques. **Existencialismo**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L & PM, 2006, p. 24.

COX, Gary. **Compreender Sartre**. Tradução Hélio Magri Filho. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 22, 23, 25, 33, 88-89.

DEPRAZ, Natalie. **Compreender Husserl**. Tradução de Fábio Santos. 2ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2008, p. 35.

JACOB, Matheus. **Coragem de Existir**. 1ª ed. São Paulo: Buzz editora, 2019. p. 44- 45.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MACIEL, Luiz Carlos. **Sartre: Vida e obra**. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 21.

PESSANHA, José Américo Mota. **Sartre**. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 9, 10.

PERDIGÃO. **Existência Liberdade**. Uma introdução à filosofia de Sartre. 1ª ed. Porto Alegre, L&PM. 1995. p. 90, p. 88, 90, 91, 105.

SILVA, Valdair da. **O Existencialismo na obra A Náusea, de Jean Paul Sartre**. In: I

Encontro de Diálogos Literários: Um olhar para além das fronteiras, p. 100.

SARAIVA, F.R. **Dicionário Latino- Português**. 9. ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1927, p. 667, 675.

SARTRE, Jean Paul. **O Ser e o Nada** – ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução Paulo Perdigão. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 18-19, 20, 24, 33, 72- 89- 542- 543, 545-596, 680, 750.

SARTRE, Jean Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Tradução João Batista Kreuch. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 19- 24- 25, 35.

SARTRE, Jean Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. In: Os Pensadores, 3ª ed. São Paulo, Nova Cultura, 1987, p. 7.

SARTRE, Jean Paul. **A Náusea**. Trad. Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SARTRE, Jean Paul. **A Transcendência do Ego**: Esboço de uma descrição fenomenológica. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SARTRE, Jean Paul. **Esboço para uma teoria das emoções**. Trad. Paulo Neves. 1. ed. L&PM POCKET PLUS: agosto de 2016; Porto Alegre: L& PM, 2014.

SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. João Batista Kreuch. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 25.

SARTRE, Jean Paul. **O que é a subjetividade?**. Trad. Estela dos Santos Abreu 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SARTRE, Jean Paul; FERREIRA, Vergílio. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. Vergílio Ferreira. 4. Ed. Lisboa: Editorial Presença, 1978.

STRATHERN, Paul. **Sartre em 90 minutos**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 40, 50, 60.